

O DOMÍNIO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PROBLEMAS NA CONCEITUALIZAÇÃO E NA FORMAÇÃO DE CONSENSO

Antonio Costa Gomes Filho¹
Edilson Damasio²
Paulo Canto de Miranda³

RESUMO: O presente artigo aborda aspectos relacionados aos pilares demarcadores da Ciência da Informação, ou seja, seu campo de domínio, analisa ainda aspectos relacionados aos conceitos formados na literatura e a divergência ou convergência dos autores nos discursos apresentados.

Palavras-chave: Ciência da Informação; domínio da ciência; conceitualização; conceito; formação de consenso.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, já os antigos filósofos mostravam-nos algumas definições advindas de suas observações pessoais.

“Uma das definições mais antigas da imagem, a de Platão, coloca-nos na trilha certa: ‘Chamo de imagens em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou na superfície de corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações do gênero’.” JOLY (1996, p. 14).

De Platão até os dias atuais surgiram, estão surgindo e irão surgir outras inúmeras definições para a palavra *imagem*, o que nos leva a

¹ Administrador de empresas; técnico na Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR; especialista em recursos humanos; especialista em desenvolvimento gerencial em gestão de informações; aluno do Mestrado Interinstitucional em Biblioteconomia - Planejamento e Administração de Sistemas de Informação – PUC Campinas / UFPR. E-mail acgomes@uepg.br

² Bibliotecário da Universidade Estadual de Maringá – PR; aluno do Mestrado Interinstitucional em Biblioteconomia - Planejamento e Administração de Sistemas de Informação – PUC Campinas / UFPR. E-mail edamasio@uem.br

³ Administrador em comércio exterior; aluno do Mestrado Interinstitucional em Biblioteconomia - Planejamento e Administração de Sistemas de Informação – PUC Campinas / UFPR. E-mail pmprivate@onda.com.br

crer que o desenvolvimento do pensar filosófico é dinâmico e está em constante progresso.

Se passarmos nossos olhos pela literatura da Ciência da Informação poderemos observar a variedade de definições existentes em momentos diferentes e por autores diferentes do termo: Ciência da Informação.

Alguns autores citados em SCHRADER (1986) que buscaram definições:

- Mikhalow, Chernyi e Gilmareski (1967);
- Golman (1970);
- Welisch (1972);
- Cook (1976) e
- Belkin (1978).

2. DA DEFINIÇÃO AO CONCEITO

Para STEINER (1981) citado em SCHRADER (1986, p. 175): “definition is an affair of reason”.

Quando éramos criança, certamente fomos devagarinho desenvolvendo nosso raciocínio, formando definições das coisas que nos rodeiam, primeiramente aprendemos a definição da palavra “mamãe”.

Com nosso desenvolvimento intelectual, fomos percebendo as funções da “mamãe” dentro do contexto doméstico, à medida que íamos crescendo, aprendíamos com nossos amiguinhos que existiam outras “mamães” no mundo, e que outras crianças possuíam outras definições para a “rainha do lar”.

Pois bem, com essas outras definições passamos a formular uma idéia ou um conceito do que é, para que serve e quais suas funções dentro daquele contexto doméstico, agora possuímos várias definições da palavra passando então para o estágio de aprendizagem conceitual.

O processo é o mesmo com todas as outras coisas que nos rodeiam, primeiro temos definições, quando aprofundamos as várias definições passamos para a formação de conceitos, enriquecendo cada vez mais nosso conhecimento.

Com a Ciência da Informação não foi diferente, ciência que surgiu há aproximadamente trinta anos quando o homem passou a utilizar o computador no tratamento e recuperação da informação num ambiente de bibliotecas ou *centro de informação* - terminologia esta, adotada por essa ciência.

3. DO CONCEITO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Diferente das Ciências Naturais, onde podemos comprovar nossas hipóteses através de testes em laboratórios, estabelecendo princípios universais de causa e efeito, nas Ciências Sociais encontramos certas características inerente à sua própria especificidade, ou seja: possuímos dificuldades para estabelecer princípios gerais, e nosso laboratório é o meio social, possuímos pessoas como objeto e como sujeito do estudo, o que nos leva a diferentes resultados em diferentes situações, pois o ser humano, é capaz de alterar seu comportamento de forma totalmente imprevisível.

Desta forma, uma das ferramentas utilizadas pelas Ciências Sociais são os estudos de caso, onde qualquer conclusão a que se chegar só é válida naquela situação, considerando as variáveis ali envolvidas.

Então, como estabelecer conceitos gerais em Ciências Sociais?

A mesma linha de raciocínio pode ser seguida para a Ciência da Informação - que está inserida nas Ciências Sociais - e que tem como base de estudo a utilização da informação pelas pessoas.

Quais os conceitos utilizados pela Ciência da Informação?

Encontramos aí a primeira dificuldade para demarcar o campo de domínio da Ciência da Informação.

É preciso levantar questões a respeito, pois o conceito geral de Ciência da Informação será formado pelos diversos conceitos utilizados pela área.

A Ciência da Informação possui característica interdisciplinar, podemos afirmar que é elo de ligação entre outras ciências, devido isso, ela empresta conceitos que têm origem em disciplinas tais como: a Biblioteconomia, a Administração, a Informática, a Documentação, a Linguística, e é nesse “emprestar” de termos que esbarra a dificuldade conceitual, muitos termos são utilizados com o mesmo sentido original causando dificuldade de entendimento, pois possuímos cientistas da informação vindos de diversas áreas.

É preciso então dar um novo sentido aos conceitos, é preciso um dicionário de termos próprios para a Ciência da Informação, dicionário este que precisa ser constantemente revisto, tal é a dinâmica da evolução científica.

4. O CONCEITO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM CONSENSO?

Talvez uma das dificuldades de entendimento seja justamente a *interdisciplinaridade*, pois profissionais vindos de diferentes áreas com certeza possuem diferentes visões.

Na análise do discurso é necessário analisar quem são os representantes da área, ou seja, quem tem autoridade para falar.

SCHRADER (1983) focaliza uma teoria para a Ciência da Informação, com referência aos conceitos, os termos e as definições para a área, faz ainda uma abordagem cronológica da terminologia das disciplinas que fundamentam a Ciência da Informação, quais sejam: Bibliografia, Documentação, Recuperação da Informação.

No ano seguinte, o mesmo autor problematizou o domínio da Ciência da Informação através de uma análise conceitual e lógica direcionada para a definição da Ciência da Informação, sendo uma proposta de metodologia para o questionamento da definição de domínio da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Já em 1986, ele analisa e avalia as diferentes conceituações de Ciência da Informação existentes até então, o autor busca as definições empíricas do domínio e a definição conceitual; investiga a natureza ou tipo de domínio, o conteúdo, o foco e a função do domínio.

Para SCHRADER (1986), as expressões linguísticas encontradas na literatura é entendida como confusão e ambiguidade apresentando contraste entre a Ciência da Informação, a Biblioteconomia e a Ciência da Biblioteca e não existe possibilidade de estabelecer-se um domínio; na natureza ou tipo de domínio foram encontradas 66 palavras, o conteúdo do domínio é vasto, mas o mais comum: é informação registrada, conhecimento e dados são frequentemente mencionados também, foram encontradas ainda 134 definições da palavra informação.

Vale lembrar que tais estudos foram feitos em 83, 84 e 86 e que agora o momento histórico é outro.

Será que hoje ainda existe essa confusão?

O que dizem os atuais *gurus* representantes da fala discursiva conceitual da Ciência da Informação?

GALVÃO(1998 p. 31) mostra em seu discurso a mesma linha de pesquisa apresentada por Schrader, ou seja, a dispersão existente para conceituar Ciência da Informação, estudando as especificidades da Biblioteconomia e Documentação. Questiona se a Ciência da Informação existe ou não, o que não cabe mais questionar neste momento histórico.

O que deve ser questionado são seus pilares demarcadores de extensão. Onde inicia e onde termina? Qual a terminologia a ser adotada? Qual o método de estudo? Qual objeto deve ser analisado?

Nosso discurso não pretende buscar respostas, mas sim levar a maiores questionamentos, pois no campo conceitual a formação de consenso é algo longe de ser alcançada, e a ciência progride justamente da divergência de idéias existentes entre os autores.

Na interpretação de MOSTAFA & MARANON (1993 p. 32) Schrader estava equivocado em sua forma de abordar o conceito de Ciência da Informação.

For Hegel, concep is relation. That is: a table to be a table must reject itself as table, for at this moment of denial the table might percelve the chair and only then re(buld) itself as table. The principle of identity had forever been the foundation of conceptualization, when this principle of identity was replaced by the principle of contradiction. The table is and is not at the same time and under the same semblance what it is.

Os autores têm sua fundamentação nas idéias de Hegel, acreditando que a Ciência da Informação repousa no principio conceitual de toda ciência, a contradição entre o ser e o não ser dificulta o estabelecimento de um consenso conceitual como tentou Schrader.

5. A TERMINOLOGIA

Toda ciência para ser reconhecida como tal, necessita adotar uma terminologia própria. As definições e conceitos precisam adotar um sentido estrito, cujo significado unifica o entendimento dos cientistas envolvidos nas pesquisas.

A terminologia adotada pela Ciência da Informação é composta por termos advindos de outras áreas, principalmente da

Biblioteconomia, da Documentação e da Informática, o que não há nenhum mal nisso. Para GOMES, citado em GALVÃO (1998, p. 48):

Nas ciências sociais(...), além de, numa mesma comunidade de especialistas coexistirem pensadores (cientistas adotando diferentes paradigmas, são usadas palavras e expressões tomadas da linguagem natural, de uso comum ou emprestadas de outras áreas, sendo-lhes atribuído, contudo, novo conteúdo conceitual, sem que este fato esteja claro para os ouvintes, leitores fora de seu estreito círculo e, em alguns casos, até mesmo dentro de tal círculo.

Percebe-se aí, que até mesmo dentro da comunidade científica da área podem haver problemas de ordem conceitual, então, é necessário um dicionário especializado para conseguir-se criar uma linguagem própria da área.

Sobre o dicionário especializado, recorreremos ao discurso de MACEDO (1998 p. 207):

O *dicionário analógico*, ou *tesauro*, não usa a ordem alfabética, como a maioria dos dicionários, mas um arranjo particular, cuja estrutura obedece ao sistema idealizado por Peter Mark Roget para o seu *Thesaurus of English Words and Phrases* (1852), onde as palavras são agrupadas pelas idéias que representam. Partindo-se de uma idéia, chega-se às palavras que possam expressá-la. Nesse tipo de dicionário, que pode ser considerado um dicionário de sinônimos e antônimos, as palavras são agrupadas pela significação, em seis grandes classes: relações abstratas, espaço, matéria, intelecto, vontade e afeições, que, por sua vez, subdividem-se em várias categorias. Um índice em ordem alfabética, remete através de um número, ao corpo da obra.

6. A METODOLOGIA

O método adotado para pesquisa em Ciência da Informação é o mesmo adotado em Ciências Sociais, focando o homem como objeto e como sujeito do estudo, porém as conclusões a que porventura chegar-se valem apenas para aquele caso específico, estabelecendo-se alguns

princípios de causa e efeito válidos somente para aquelas variáveis envolvidas na situação que se está estudando.

Uma metodologia aconselhável é a pesquisa-ação, a qual já é utilizada nas áreas de educação, comunicação, serviço social, organização e sistemas e desenvolvimento rural e difusão de tecnologia.

A pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Este processo supõe que os pesquisadores adotem uma linguagem apropriada. Os objetivos teóricos da pesquisa são constantemente reafirmados e afinados no contato com as situações abertas ao diálogo com os interessados, na sua linguagem popular. THIOLENT (1986 p. 75)

A pesquisa-ação coloca o pesquisado como participante do processo, o autor complementa:

Nos últimos anos, a pesquisa-ação tem sido pensada como instrumento adaptado ao estudo, em situação real, das mudanças organizacionais que acompanham a introdução de novas tecnologias, principalmente as baseadas na informática. Com ela pretende-se facilitar a implementação e a assimilação das novas técnicas informáticas, a circulação da informação, a aprendizagem coletiva, a organização do trabalho em grupos com reunião de competências variadas. Pretende-se igualmente melhorar as condições de uso e as adaptações dos equipamentos e promover a organização do trabalho com sistemas de consulta dos membros dos diferentes níveis hierárquicos. THIOLENT (1986 p. 86)

Para resolver problemas nas organizações, nada melhor do que envolver os pesquisados, incentivando-os a contribuir com idéias para a solução dos problemas, idéias estas que podem vir a ser implantadas.

7. O OBJETO DE ESTUDO

É campo controverso na comunidade científica da área e principal item de dificuldade para demarcar o campo de domínio.

Alguns autores podem focar seus estudos na tecnologia da informação, valorizando a implantação de novos sistemas para tratamento da informação, necessidade de bases de dados, entre outros.

Outros podem focar nas pessoas em si, as habilidades requeridas do novo profissional no tratamento da informação.

Segundo TARAPANOF (1997 p. 7):

Dentre os resultados significativos, o perfil do profissional da informação no Brasil aparece como o do bibliotecário, desenvolvendo e assumindo papéis tradicionais, mas com um crescente envolvimento em novas tecnologias e novos procedimentos administrativos. Há tendência perceptível de uma participação, cada vez maior, de profissionais liberais advindos de outras áreas, que assumem papéis tradicionalmente reservados aos bibliotecários, dentro do ciclo informacional. A formação profissional é muito criticada quanto à rigidez e inadequação aos novos papéis, em especial o currículo de bacharelado das escolas de Biblioteconomia. Há demanda latente relacionada a treinamentos específicos em todos os assuntos ligados aos novos paradigmas da área.

Ou seria o objeto de estudo o usuário, que até o início da década de 70 não era foco de estudo da classe bibliotecária que dava maior ênfase a indexação e organização de documentos?

Talvez o objeto de estudo fosse todos esses focos: o usuário, o profissional da informação e os novos processos de trabalho formando um sistema de indexação e recuperação da informação?

Ou quiçá fosse o empresário capitalista que quer informações úteis capaz de aumentar ainda mais seu patrimônio?

8. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO X SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

“ Em meados dos anos 70, a tecnologia de computação nos lançou à era da informática, possibilitando, desse modo, pela primeira

vez, que uma quantidade imaterial, isto é, a informação pudesse ser usada economicamente. “ NEFIODOW (1999 p. 90)

A tecnologia da informação, o desenvolvimento de computadores cada vez mais velozes tem impulsionado o desenvolvimento da Ciência da Informação, pois não se pode falar em tal ciência sem mencionar aspectos relacionados à tecnologia da informação, à internet, à estruturas de redes, à base de dados em CD e outros assuntos que envolvam o uso de computadores.

O fim de século está trazendo à tona uma nova reorganização dos modos de produção e negócios e, conseqüentemente da economia, da sociedade e da política. Esta mudança profunda toma por base as idéias, a informação, o conhecimento, a busca da eficiência e o inevitável risco que todas as instituições têm de enfrentar para garantir seu espaço e nele avançar. (BRASIL. Presidência da República. Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, p.27)

Não podemos descontextualizar nosso estudo deste momento histórico que estamos vivendo, hoje fala-se muito que estamos na Sociedade da Informação, economistas reconhecem e empresários mostram na prática que a informação passou a ser também um fator de produção; juntamente com o capital e o trabalho.

O que se percebe é que novas linhas de pesquisa estão sendo desenvolvidas e que acreditamos ser campo de domínio da Ciência da Informação; a principal delas é a *gestão do conhecimento*, ou seja, o conhecimento pode ser utilizado pelas organizações para gerar lucros.

Para DEMO (1997 p. 19-20):

O que pode ser visualizado como novo é a perspectiva de que o conhecimento, em vez de produzir certezas, é marcadamente uma estratégia de as desmontar (...) A maioria dos 'novos modelos' (de automóveis, eletrodomésticos, roupas, etc.) não corresponde a necessidades humanas concretas, mas ao consumismo. Assim, a intervenção inovadora parece ser a propriedade central do

conhecimento moderno, e, para tanto, precisa viver do questionamento metodológico. Neste questionamento metodológico, entretanto, não prevalece a consciência crítica, como era a pretensão emancipatória do progresso científico, mas a inovação pela inovação. Nestes termos, nenhum instrumento é mais adequado para intervir na realidade do que o conhecimento."

Diferente de uma mina de ouro, onde cada nova retirada deixa o dono cada vez mais pobre, o conhecimento é fonte inesgotável capaz de colocar a empresa na liderança de mercado.

Quanto vale uma nova idéia para lançar um produto no mercado?

Qual o preço de uma informação tecnológica que poderá revolucionar nossos processos de trabalho?

Concluimos que a Ciência da Informação está inserida na Sociedade da Informação e deve contribuir para o desenvolvimento desta.

CONCLUSÕES FINAIS

Cada autor aqui analisado trouxe sua contribuição para conceituar e tentar delimitar o campo de domínio da Ciência da Informação, ora seguindo uma linha positivista, ora seguindo uma linha dialética.

Com base nisso, podemos concordar ou discordar tentando formar nosso próprio conceito.

Estas linhas pretenderam trazer a fala dos representantes da área, a luz que direciona aqueles que estão tentando definir sua linha de pesquisa, não foi nossa intenção conceituar Ciência da Informação, mas sim apontar problemas relacionados ao seu campo de domínio. Pudemos perceber que o primeiro pilar demarcador é o próprio conceito de Ciência da informação.

O que queremos deixar claro é que qualquer conceito que porventura venha a ser desenvolvido não pode esquecer que a Ciência da Informação é:

- a) nova: possui aproximadamente trinta anos e ainda está em desenvolvimento;
- b) multidisciplinar: qualquer tentativa em tentar conceituar Ciência da Informação que negar essa característica estará fora de contexto;
- c) impossível sem tecnologia da informação: a tecnologia da informação é justamente um dos genes da Ciência da Informação, uma das causas de sua existência, o conceito jamais deve esquecer essa variável e
- d) está a serviço do capital: neste momento histórico, os capitalistas utilizam a Ciência da Informação para acumular mais riquezas ainda.

Existem problemas na formação de consenso conceitual, mas é justamente do conflito que a Ciência da Informação irá amadurecer ao longo do tempo, conquistando seu lugar ao lado das outras ciências.

Para demarcar seu campo de domínio, não podemos esquecer que toda ciência necessita:

- a) de um objeto de estudo;
- b) de uma terminologia e
- c) de uma metodologia.

Outro item de relevada importância na delimitação do campo de domínio, é entender o momento histórico que se está vivendo, pois é esse momento que definirá as linhas de pesquisa da área.

Em nosso entendimento, o primeiro pilar demarcador da Ciência da Informação é o seu conceito; o seu campo de domínio é definido quando se define seu objeto de estudo, que podemos considerar como segundo pilar demarcador e ambos, - conceito e objeto - apoiados pela terminologia e pela metodologia utilizada formam a estrutura geral da Ciência da Informação.

ABSTRACTS: The chapter present to board aspects relateds in the pillares demarcates on Information Science, ob been, your camp of dominion, analyse again aspects relateds in the conceits formeds in literature and the divergency or convergency of authors in proposeds discourses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Presidência da Republica. Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. **Sociedade da informação**. São Paulo: Instituto UNIEMP, 1998.164 p.

DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 317 p.

GALVÃO, M. C. B. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 46-52, jan./abr. 1998.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas : Papirus,1996. 152 p.

MACEDO, Vera Amália Amarante. **Dicionários**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos, CALDEIRA, Paulo da Terra, MACEDO, Vera Amália Amarante (Coord.). **Formas e expressões do Conhecimento**. Belo Horizonte : Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 193-215.

MOSTAFA, S. P., MARANON, E. I. M. **Reply to Alvin Schrader on the domains of the Information Science**. Trans-in-formação, Campinas, v.5, n.1/3, p. 31-42, jan./dez. 1993.

NEFIODOW, Leo A. **Prosperidade pela saúde. Reader's Digest Seleções**, Rio de Janeiro, p. 89-91, março 1999.

SCHRADER, Alvin M. Two domain of information science: problems in conceptualization and in consensus-building. **Information Services & Uses**, North-Holland, v.6, p. 169-205, 1986.

TARAPANOFF, Kira. ***Perfil do profissional da informação no Brasil; Diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada***. Brasília: IEL/DF Editora, 1997. 136 p.

THIOLLENT, Michel. ***Metodologia da pesquisa-ação***. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. 108 p.